



FERRAMENTAS EDUCACIONAIS ACESSIVEIS: Um relato de experiência no PROEJA IFC - Camboriú

Jonathan NERIS¹; Nadja Regina Sousa MAGALHÃES²; Magali Dias de SOUZA³; Edison Pereira da SILVA⁴

¹Aluno do Curso Agroindústria – PROEJA IFC - Campus Camboriú, ²Orientadora IFC - Campus Camboriú; ³Coorientadora IFC - Campus Camboriú; ⁴Estagiário da Prefeitura Municipal de Camboriú

RESUMO

Discutiremos a contribuição do apoio especializado na formação de pessoas com deficiência. Problematizamos como uma ferramenta acessível pode contribuir para que um aluno superasse dificuldades motoras. A pesquisa ocorreu durante o acompanhamento de um aluno na disciplina Processos de Aprendizagem, no curso Agroindústria/PROEJA do Instituto Federal Catarinense - Campus Camboriú e contou com o apoio do atendimento educacional especializado e da monitoria de inclusão. Nosso objetivo foi refletir sobre o desenvolvimento de práticas inclusivas realizadas em sala de aula. Utilizamos como técnicas de estudo a observação e a entrevista semiestruturada.

INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

Compreendemos que no contexto da educação especial, o termo “educacional” refere-se a todo espaço institucional voltado para o desenvolvimento e a aprendizagem do indivíduo. Esse espaço é comprometido com os múltiplos e interdependentes aspectos do desenvolvimento – cognitivo, afetivo, sócio emocional, tendo como referência as diferenças individuais e as possibilidades sócioeducacionais de seus sujeitos. Acreditamos que todo ser humano deve ter o direito de estar inserido em um programa educacional, independente de suas possibilidades de aprendizagem acadêmica, pois o sentido aqui atribuído ao processo educacional ultrapassa os limites impostos a um programa restrito à educação formal e acadêmica. Todo contexto educativo pressupõe a convivência entre os pares. A possibilidade de conviver, trocar (dar e receber) e vivenciar situações do cotidiano é um objetivo implícito no processo de aprendizagem e formação humana. O direito de todos os indivíduos à educação, como caminho possível de inclusão com o meio social, deve ser respeitado, independentemente das dificuldades ou deficiências do educando.





Uma das discussões centrais na área de educação decorre da atual política nacional de educação que preconiza a educação inclusiva, ou seja, aquela organizada para atender a todos os cidadãos. No Brasil, o debate sobre a inclusão de estudantes com deficiência em salas regulares provoca uma grande reflexão nos educadores e pais, no sentido de determinar como farão isso sem que esses alunos sintam-se discriminados ou privilegiados pela sua deficiência. Contudo, na retrospectiva histórica, “uma escola igual para todos” (grifo nosso), não está sendo exequível, por razões históricas, culturais e sociais das diferentes camadas da sociedade (MAZZOTTA, 2003). E a educação especial, como paradoxo diante da globalização excludente, acaba assumindo um valioso papel no processo de inclusão de pessoas com deficiência na vida política, econômica e social.

Percebemos que, para viabilizar a escola inclusiva, todos os profissionais da educação necessitam se colocar em movimento, tendo em vista que:

A inclusão é um motivo para que a escola se modernize e os professores aperfeiçoem suas práticas e, assim sendo, a inclusão escolar de pessoas deficientes torna-se uma consequência natural de todo um esforço de atualização e de reestruturação das condições atuais do ensino básico (MANTOAN, 1997, p.120).

Cabe aos sistemas escolares elaborar projetos pedagógicos que orientem-se pela política de inclusão e pelo compromisso com a educação escolar de todos alunos, bem como às Instituições oferecer apoio pedagógico especializado, que ocupem-se de traçar e pensar em ferramentas que venham potencializar o trabalho do professor em sala de aula e a participação do aluno com deficiência em igualdade de condições em relação aos outros estudantes. Partindo dessa premissa, apontamos como objetivo geral: refletir sobre o desenvolvimento de práticas inclusivas realizadas em sala de aula do PROEJA no Instituto Federal Catarinense – Campus Camboriú. Como objetivo específico destacamos: analisar o uso do computador em sala de aula, a partir da utilização de uma interface assistiva para uso em computadores.

METODOLOGIA

Este trabalho originou-se do acompanhamento de um aluno com dificuldades motoras na disciplina Processos de Aprendizagem do curso





Agroindústria/PROEJA do Instituto Federal Catarinense – Campus Camboriú. Decorreu do trabalho conjunto da docente responsável pela disciplina, da professora do atendimento educacional especializado (AEE) e do estagiário que exerce o papel como monitor de inclusão. Utilizamos como instrumentos e técnicas de estudo a observação e a entrevista semiestruturada, para pensarmos a inclusão do aluno no contexto escolar.

Conjuntamente com outros professores do aluno, constatamos que o uso de recursos da tecnologia assistiva, que potencializariam suas funcionalidades, poderiam lhe dar autonomia e confiança na realização das atividades acadêmicas e cotidianas, através do uso do computador (PELOSI, 2011). Foi no AEE que foi realizada a escolha de um dispositivo, que se assemelha a um manche de avião, como ferramenta pedagógica e tecnológica para o uso do computador em sala de aula, que foi configurado de acordo com as necessidades do aluno: o *Joyboard*, junção de *Joypad* (controle) com *Keyboard* (teclado), usado conjuntamente com um teclado virtual personalizável e disponível para download gratuito para sistemas operacionais Windows (Free Virtual Keyboard).

Nos procedimentos metodológicos, adotaram-se como técnicas de coleta de dados a observação do campo “que exige um planejamento geral e um plano específico para coleta de dados, bem como um relatório escrito das várias etapas da pesquisa, incluindo os resultados obtidos” (ANDRADE, 1999, p.121), a observação direta, que ocorreu na sala de aula e no AEE, e a entrevista semiestruturada, realizada pelo monitor referindo-se as impressões do aluno quanto ao uso do *Joyboard* e do teclado virtual.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

No relato apresentado pelo aluno quanto ao uso do *Joyboard*, quando questionado como essa tecnologia assistiva tem lhe ajudado no ambiente escolar, respondeu que *“a tecnologia tem me ajudado bastante, porque eu tenho uma dificuldade motora devido eu ter uma paralisia cerebral, que dificulta os meus movimentos”*. Em relação as facilidades que o *Joyboard* lhe proporcionam, afirmou que *“me facilita na hora de desenvolver as atividades, digitação, abrir arquivos”*. Em





relação as dificuldades que precisariam ser superadas para melhor utilização tecnológica do Joyboard, destacou que *"as maiores dificuldades encontradas no início já foram superadas, pois hoje consigo digitar corretamente as palavras sem utilizar o teclado do computador"*. Ao ser indagado se o Joyboard lhe ajudou como ferramenta no seu desenvolvimento escolar, respondeu que *"Sim! Me ajudou e ainda me ajuda muito, sem ele eu era mais lento para fazer as atividades pedidas pelos professores"*. E, ainda, ao lhe serem solicitadas sugestões de melhorias para o aprimoramento dessa tecnologia assistiva para ampliar o seu desenvolvimento, replicou afirmando *"que estas tecnologias mais avançadas, fossem de fácil acesso para pessoas portadoras de necessidades especiais, para que as mesmas tivessem uma maior independência nos seus domínios dos trabalhos acadêmicos e do seu dia a dia"*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ato de incluir não deve significar, simplesmente, matricular pessoas com deficiência no ensino regular, mas assegurar ao aluno, professor e à escola o suporte necessário à sua ação pedagógica. Para isso, é preciso pensar o currículo, para o processo de reformulação do ensino, com o intuito de combater ações discriminatórias.

A proposta inclusiva inaugura uma nova etapa na educação mundial: a educação para todos, diante da construção de uma sociedade inclusiva. Trata-se, desta forma de um novo paradigma em ascensão plena, haja vista ser uma concepção que se desdobra em práticas produtivas, e que deverá evoluir na direção de sua concretização agregadora, ética, solidária e respeitosa e que colabora com o desenvolvimento da escola (GRANEMANN, 2007).

Pensar a inclusão a partir de tecnologias assistivas foi uma estratégia que potencializou as funcionalidades desse estudante do PROEJA, promovendo sua aprendizagem; deu-lhe mais autonomia e perspectivas de continuação na vida acadêmica e do seu ingresso no mundo do trabalho.





REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. M. de. *Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos de graduação*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GRANEMANN, J. L. Inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais na escola: uma proposta necessária e em ascensão. In: 30ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED, SESSÃO ESPECIAL. EDUCAÇÃO ESPECIAL, 2007, *Anais eletrônico*. Caxambu: Minas Gerais, 2007, p. 1-17.

MANTOAN, M. T. E. A Integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema. São Paulo: Memnon. Editora SENAC, 1997.

MAZZOTTA, M. J. S. *Educação especial no Brasil: história e políticas públicas*. 4 edição. São Paulo: Cortez, 2003.

PELOSI, M. B.. Tecnologia Assistiva. In: NUNES, L. R. O. P. et al. (Org.). *Comunicar é preciso: em busca das melhores práticas na educação do aluno com deficiência*. Marília: ABPEE, 2011, p. 37-46.

